

XIII Jornada Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC

Políticas públicas
educacionais: o que
esperar para o pós
pandemia?



EDUCAÇÃO E A PATOLOGIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Carina Ferreira dos Santos
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Sandra Regina Simonis Richter
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

...
Eixo 1- Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

No campo da educação, há uma relevante preocupação em relação aos processos de cuidado e de aprendizagem das crianças na contemporaneidade. Ser criança é singular, mas ela vive e se constitui na pluralidade de interações mundanas. Desta forma, a existência da criança possibilita uma multiplicidade de modos de ser e estar no mundo. Existem diferentes infâncias, porque as crianças estão por diferentes lugares ao redor do mundo, sendo assim, não é possível referir sobre uma infância universal (COHN, 2013).

Podemos compreender a infância como um tempo e uma força existencial que se diferencia do tempo e das concepções formadas pelos adultos. Mesmo que haja um sistema de relações que antecede a chegada das crianças no mundo, elas produzem novos significados que definem sua alteridade. Uma criança lê o mundo em que vive, atribuindo símbolos e sentidos nas suas interações (COHN, 2005).

A ação de estar junto coloca o corpo da criança no mundo ao mesmo tempo que conduz a um percurso histórico-existencial que sustenta seu imaginário. No entanto, cada vez mais as crianças são vistas pelos adultos apenas de forma institucional e técnica, a partir das práticas e saberes científicos. A acelerada normatização das condutas das crianças acarreta na patologização de suas ações, invisibilizando as particularidades de seu processo de subjetividade. A sociedade contemporânea contribui para a produção e gestão de patologias, baseadas em idealizações hegemônicas. Relacionar o sofrimento como uma patologia é a maneira de intervir sobre os modos de ser e estar no mundo para garantir a padronização dos corpos e do pensamento, além dos processos de socialização (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2020).

O que conduz a presente escrita é a necessidade de interrogar como a infância passa a ser pensada no atual cenário conduzido pela patologização e medicalização exacerbada das crianças. Metodologicamente, o estudo corresponde a uma abordagem reflexiva e bibliográfica que abrange diferentes autores implicados com a problemática apontada. O filósofo Larrosa (2019) compreende a infância enquanto um enigma que inquieta e questiona a segurança dos saberes e práticas profissionais e institucionais. Pensar a infância como um Outro é o que provoca esta inquietação dos saberes que já capturaram as necessidades das crianças e que já anteciparam hipóteses sobre este início da vida.

As infâncias marcam o início da vida, que desloca a concretude dos saberes que as antecedem. O nascer é um novo acontecimento que nos conduz ao inesperado e, por isso, é inquietante. A produção de conhecimento tem fundamentado e instrumentalizado saberes sobre o desenvolvimento da criança, porém, estes conhecimentos constituem verdades únicas que ignoram a potência da pluralidade das experiências das crianças. Percebemos a diversidade de diagnósticos atribuídos de maneira determinante na história de vida das crianças. Vivemos em um sistema que produz constantemente patologias e padrões comportamentais idealizados, reduzindo qualquer expressão e/ou ação a necessidade de cura (CERVO; SILVA, 2014; LARROSA, 2019).

Com o avanço das tecnologias em saúde, os saberes passam a serem orientados através de observações a respeito das condutas das crianças, com um objetivo de comparar com manifestações classificadas, cientificamente, que são tidas como esperadas. Esta forma de pensar as crianças restringe as capacidades e potências existentes, inibindo possibilidades de manifestação subjetiva. Assim são pensados os diagnósticos enquanto enunciados resumidos e classificatórios sobre a vida de um ser humano, neste caso, das crianças (CERVO; SILVA, 2014).

É preocupante o caminho que os saberes percorrem na tentativa de categorizar modos de estar sendo no mundo. Tais ideias eliminam certas maneiras das crianças narrarem suas vivências, assim como anulam a possibilidade de experienciar a vida de forma singular. No atual cenário social, a única narrativa possível é traduzida em sofrimento e patologia. Neste momento, as infâncias deixam de serem vistas em sua pluralidade, sendo presente a produção de nomeações diagnósticas determinantes (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2020).

Desta forma, as crianças crescem cercadas por rótulos e constituídas por discursos normatizadores, que atravessam seus modos de viver a vida, além dos espaços escolares. A linguagem é constituída por valores e crenças que nos permitem perceber e compreender o mundo, assim como acontece com as crianças que compartilham experiências a partir de suas vontades na cultura que estão inseridas.

No entanto, a produção de patologias transforma as experiências do corpo saudável em *doenças da infância*, contribuindo para o surgimento de resistências destas expressões. Este fenômeno não busca alcançar o que as crianças estão vivendo em seus contextos, como também não considera as idades e o que elas têm a ensinar aos que estão mais tempo no mundo. Há uma comparação distorcida que relaciona a obediência com um crescimento que é esperado pelos adultos e que provoca a normatização das formas de estar no mundo. As crianças não são o que se espera delas, elas são o que vivenciam no contexto que estão inseridas (WINNICOTT, 2020).

Para que formamos a criança? Formamos a criança para a sociedade do futuro ou para ela mesma? Estes questionamentos e reflexões não cessam a necessidade de interrogar o modo como o sistema e cada instituição percebe as crianças e as infâncias na atualidade. Cada vez mais encontramos, em distintos espaços, crianças caracterizadas a partir de nomeações diagnósticas que invadem seus corpos e sua capacidade de imaginar as coisas. A produção de sentidos realizada pelas crianças fica comprometida e apenas baseada em saberes padronizados e universais, como diria Cohn (2013) sobre a universalização tida equivocadamente como concepção de infância.

De forma acelerada, os saberes buscam pela identificação e remissão dos sintomas nos corpos das pessoas para que elas possam retornar as condutas normativas. A consequência destes discursos instrumentalizados em prévios resultados produz frustração e resistência não só por parte das crianças, mas também por parte dos técnicos que idealizam expectativas sobre a existência do outro. Tais expectativas correspondem a necessidade de alcançar infâncias sem problemas e universais. A patologização atribuída as experiências das crianças restringe suas compreensões e percepções por limitar sua ação no mundo. Desta forma, qualquer movimento vivido pelas crianças passa a ser considerado um quadro sintomático (CERVO; SILVA, 2014).

A indústria farmacêutica contribui para o apagamento da singularidade, sendo capaz de vender não só uma medicação, mas sim a urgência e a esperança de normalização ou amenização de expressões e condutas consideradas disfuncionais. O início das

depressões acontece quando as experiências subjetivas são anuladas pela necessidade de satisfazer as demandas dos saberes. As crianças necessitam de tempo e espaço para compreenderem o mundo, ao invés de serem aprisionadas numa única ideia de si mesmas (KEHL, 2015).

A experiência é uma ação que nos convoca a viver algo que nos altera, que nos transforma. Neste sentido, compreendemos as infâncias como existências e experiências de estar sendo no mundo, movidas pela potência dos afetos. Enquanto educadoras, questionamos os saberes que buscam a padronização, além de terem uma concepção reducionista *sobre* as crianças, pois não consideram a potente ação de crescer e conhecer o mundo de diversas formas. Os saberes e as teorias se preocupam em ensinar as palavras, mas esquecem que as crianças fazem sua própria leitura do mundo para compreenderem as coisas, constituindo sentidos singulares aos espaços mundanos que ocupam. Sendo assim, as crianças sabem outras coisas que os adultos não sabem (COHN, 2005).

As crianças podem ler as expressões, os lugares, os objetos, além de serem capazes de lerem a vida como ela se apresenta. Para Winnicott (2020), as crianças pensam a vida como uma série de experiências bastante intensas e que percebem a realidade conforme suas necessidades. Experimentar esta passagem de forma suficientemente boa corresponde a uma ação que ofereça oportunidades de elaborar e viver sua própria compreensão de mundo como apropriação lúdica do real. Podemos pensar numa educação comprometida com as especificidades das crianças e das infâncias, assim como interessada por desconstruir e mudar a percepção sobre esse início da vida

A alteridade das crianças se constitui na pluralidade em conjunto com o exercício coletivo representado pelos educadores, que resistem ao crescente avanço da institucionalização do desenvolvimento tecnológico e instrumental de ensino. A necessidade da patologização das infâncias corrompe o processo de constituição da singularidade, por meio da omissão da trajetória histórica-existencial, assim como interfere nos processos de aprendizagem das crianças, pela incessante busca da normatização da produção de sentidos. Na tentativa de padronizar as ações e o imaginário, os saberes desconsideram as particularidades das crianças nos processos educativos. Podemos pensar numa educação que sustente os interesses e contextos das crianças, ao invés da acelerada nomeação classificatória de patologias.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Infâncias; Crianças; Patologização.

REFERÊNCIAS

CERVO, Michele da Rocha; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. Um olhar sobre a patologização da infância a partir do CAPSI. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, vol. 14, n. 3, dez. 2014. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000300008.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, mai./ago. 2013.

Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/15478>.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2015.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. (Orgs.)

Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico. 1 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

WINNICOTT, Donald W. **Bebês e suas mães**. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020, p. 160.

WINNICOTT, Donald W. **A criança e o seu mundo**. Tradução: Álvaro Cabral. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020.

